

UTL - Faculdade de Arquitectura  
relatório de estágio  
6º ano - curso de Arquitectura



Nuno Filipe de Almeida Teodósio Jacinto  
a g o s t o 1 9 9 8

centro de documentação  
RE(Arq)  
54

FAACULDADE DE ARQUITECTURA  
BIBLIOTECA

FAACULDADE DE ARQUITECTURA  
054 54  
(Centro de Documentação)



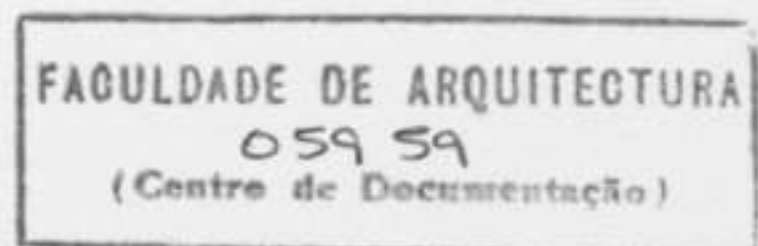
TELEFONE (01) 60 55 67 - 60 64 03 FAX (01) 396 44 25

TRAVESSA DO NORONHA Nº 1 1º 1200 LISBOA

**relatório de estágio**  
 sob a orientação do Arq. Manuel Vicente  
**Janeiro a Agosto de 1998**  
 n u n o j a c i n t o

Palavra: sombra de obra

Condição: ...  
Quanto ao ...



	1
	2
	3
	4
	5
	6
7 moradia em João de Arens, Portimão	7
projeto de alterações	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
16 Av. Marginal de Ponta Delgada, Açores	16
projeto de alteração	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31
	32
	33
	34
	35
35 Conclusão	36
	37
	38
38 Bibliografia	39
	40
	41

Palavra: sombra de obra

Demócrito

Octavio Paz, Sombras de obras

26 Piscina na Portela, Oura - Oeiras

projeto de alteração

		1
		2
		3
	<b>4</b>	<b>introdução</b>
		5
		6
<b>7</b>	<b>moradia em João de Arens, Portimão</b>	
	projecto de alterações	8
		9
		10
		11
		12
		13
		14
		15
<b>Introdução</b>		
	<b>16</b>	<b>Av. Marginal de Ponta Delgada, Açores</b>
		plano de pormenor
		17
		18
		19
		20
		21
		22
		23
		24
		25
	<b>26</b>	<b>Piscina na Portela, Outurela – Oeiras</b>
		projecto de execução
		27
		28
		29
		30
		31
		32
		33
		34
	<b>35</b>	<b>Conclusão</b>
		36
		37
	<b>38</b>	<b>Bibliografia</b>
		39
		40
		41

riscar, tinta branca, caneta preta, estilográfica  
lápis de cor, "o que é que vocês acham?"  
branca, riscar por cima, "pictor" outra vez  
desaparecido debaixo daquela sedimentação  
"podemos experimentar assim", ilusões, desil  
não dizer nada, fazer nada, olhar, viver para ma

"(...) I have begun to feel that the story I am trying to tell is somehow incompatible with language, that the degree to which it resists language is an exact measure of how closely I have come to saying something important, and that when the moment arrives for me to say the one truly important thing (assuming it exists), I will not be able to say it."  
Paul Auster, The invention of solitude

## Introdução

Este relatório de estágio corresponde ao período de tempo decorrido entre Janeiro e Agosto de 1998 no ATAT-Atelier de Arquitectura, sob a orientação do Arq. Manuel Vicente.

Um rapaz simples mergulhava, em pleno verão, de Hamburgo, sua cidade natal, para Davos-Platz, no cantão dos Grisões. Lá de visita, por três semanas.

O mergulho faz parte desta história que durou 8 meses e cujo relato é feito num momento em que ainda não se saiu de água. É, por isso, realmente ou aparentemente, ambíguo e pouco sistemático. Defeitos (ou não?) que se adquirem, ou agravam, com a prática da arquitectura, onde a aceleração do fazer se funde com os actos de reflexão.

A verdade daquilo que se passa esconde-se por trás de duas não-verdades: entre o pensar e o fazer organizados cronologicamente em sucessivos actos de fecundação e uma espécie de canibalismo, de sucessivos actos de automutilação que, estranhamente, são a origem de qualquer coisa.

Não existe a intenção de o apresentar como uma reflexão profunda sobre os trabalhos realizados. Pretende-se revelar aquilo que aconteceu na elaboração de vários projectos: desejos, desenhos, primeiras decisões, vegetal riscado por cima, refazer, outra vez vegetal,

riscar, tinta branca, caneta preta, esferográfica azul, tesoura, mais vegetal, riscar, lápis de cor, lápis de cera, "o que é que vocês acham?", não dormir para poder sonhar acordado com tinta branca, riscos por cima, "plotar" outra vez, repetir tudo, recuperar coisas que tinham desaparecido debaixo daquela sedimentação, rever apontamentos, pequenos desenhos, "podíamos experimentar assim", ilusões, desilusões, conquistas e grandes vitórias, parar para não dizer nada, fazer nada, olhar, viver para mais nada.



**moradia em João de Arens, Portimão**

projecto de alterações

Arq. Manuel Vicente

Arq. Jorge Marques

Nuno Jacinto (estág.)

Janeiro a Agosto de 98

" El proyecto es la manera con la que intentamos  
satisfacer un deseo nuestro."  
Vittorio Gregotti, «El territorio de la Arquitectura»,

Um projecto que foram vários projectos. Entre faxes do cliente, de engenheiros, dos responsáveis pela reserva ecológica, desenhos, folhas de vegetal recortadas, coladas, riscadas e cobertas de tinta branca, a "caixa" revelava que o projecto de alterações desta casa fazia parte da vida do atelier desde 1992. Como para todos os projectos, concluídos ou em fase de elaboração, existe uma caixa que guarda toda a informação que lhes diz respeito. Estas caixas guardam o tempo.

### "banana split"

Quando, pela primeira vez, desci as escadas que se enrolam para chegar ao rés-do-chão repetiam-se coisas na minha cabeça:

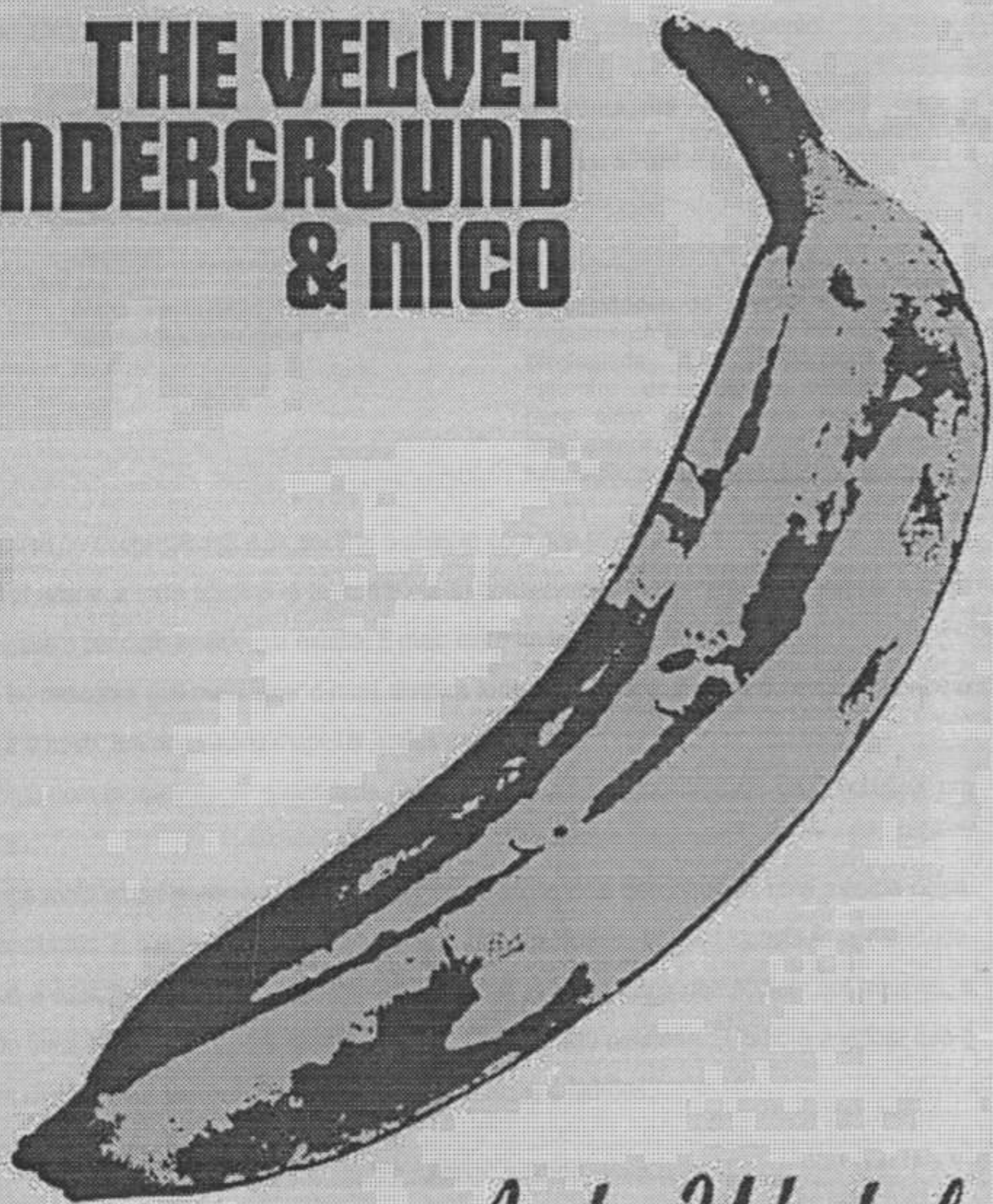
"- Imagina uma banana que cortaste ao meio e afastaste os dois bocados. Metes um bocado de banana no meio e continua igual ao que era mas maior."

Seguiram-se explicações: sala, cozinha, quartos, casa de banho, etc., mas aquela era a base do projecto.

Uma casa no Algarve muito próxima (200 m) do recorte sinuoso da terra contra o mar, abrindo-se em praias protegidas pelo que se assemelha a grandes dedos. Neste cenário em que a



**THE VELVET  
UNDERGROUND  
& NICO**



*Andy Warhol*

823290-2

natureza se fez espectáculo, tratava-se de substituir o telhado de uma casa tradicional, ao mesmo tempo que se ajustavam as dimensões da casa às necessidades do cliente:

- o telhado existente, de construção tradicional – barrotes de madeira apoiados nas paredes, esteira de madeira e telha de barro.

cobertura de betão armado de pendente e revestimento exterior idêntico à existente

- áreas dos quartos, com dimensões entre os 4 e os 8 m<sup>2</sup>.

necessidades do cliente: o natural crescimento familiar e a localização privilegiada que proporciona o encontro de amigos, permitindo, para além disso, uma ocupação mais extensa ao longo do ano como habitação permanente

A principal preocupação era a de decifrar o objecto com que se estava a lidar. Como é que seria possível alterar a casa (destruí-la tal como ela é) conservando o seu carácter? Investir a casa que viesse a ser com a casa que existia. É mais claro na história da banana.

Cedo se descobre que para fazer o mais simples tudo se complica. Para lá do encontro entre o velho e o novo, era necessário respeitar limites de áreas e o

confronto com problemas de quantidade determinantes para a possibilidade de concretizar um projecto.

O tempo mais empolgante foi o de descobrir como é que dois desenhos de uma mesma coisa, representando a mesma solução - ainda que fossem duas - podiam constituir a realidade.

Porque a escada não passava debaixo do telhado e as inclinações não podiam ser aquelas, o torreão tinha que ser maior e a casa de banho que era muito pequena... Como a anedota que o

Robert Duvall conta ao Sean Penn num filme de polícias e ladrões:

" Pai e filho boi andavam a passear quando viram uma manada de vacas. O filho disse para o pai:

- *Pai, vamos depressa para "comer" uma vaca daquelas !*

- *Não, filho, vamos devagar e " come-mo-las " todas."*



É preciso acreditar no impossível.

Entre Lisboa – New York – Macau , trocaram-se faxes em que eram discutidos todos os aspectos relacionados com a casa: opções de projecto, problemas de desenho, aspirações do cliente, constatação do estado da obra – viagem ao Algarve que confirmava e desmentia particularidades do lugar e da casa.

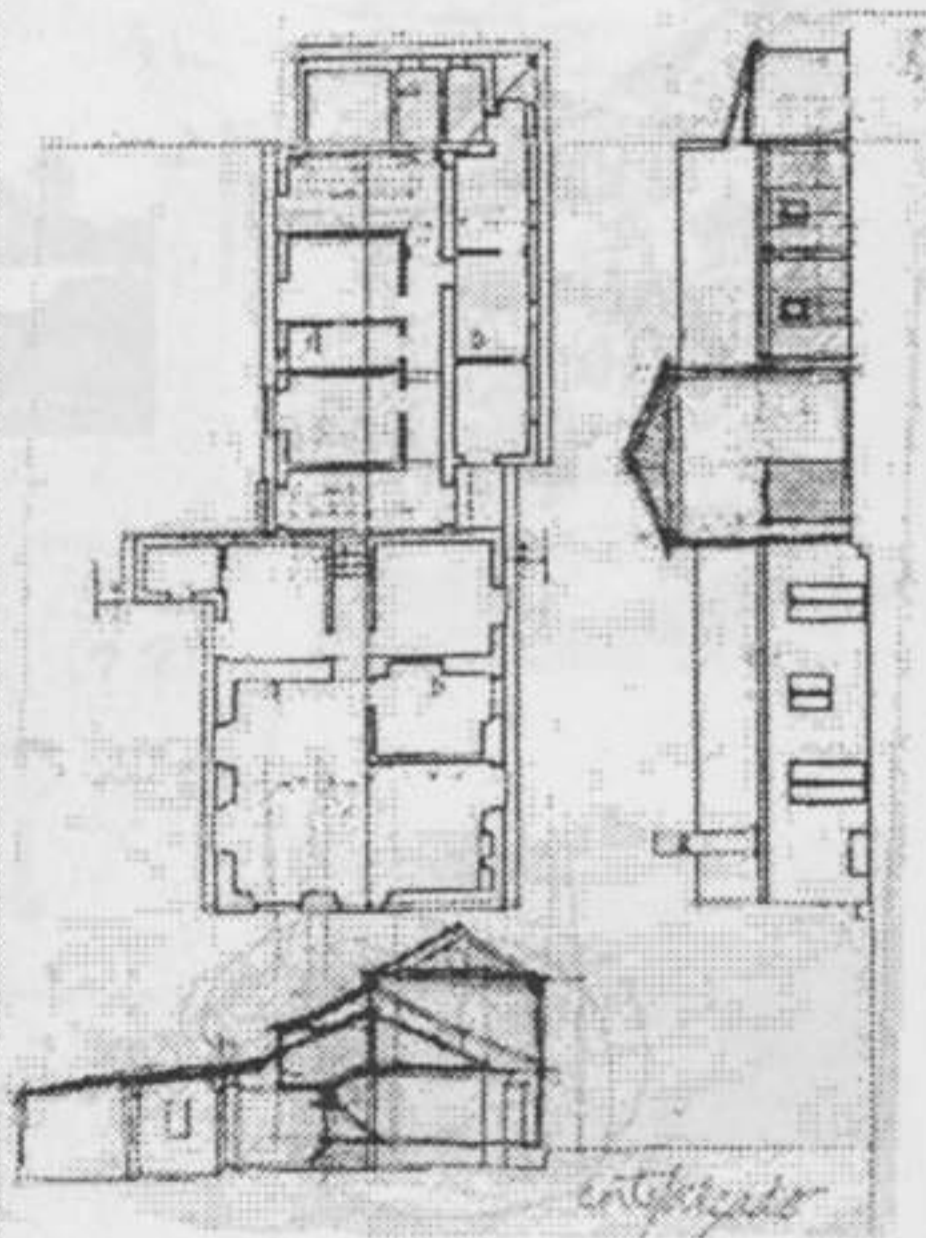
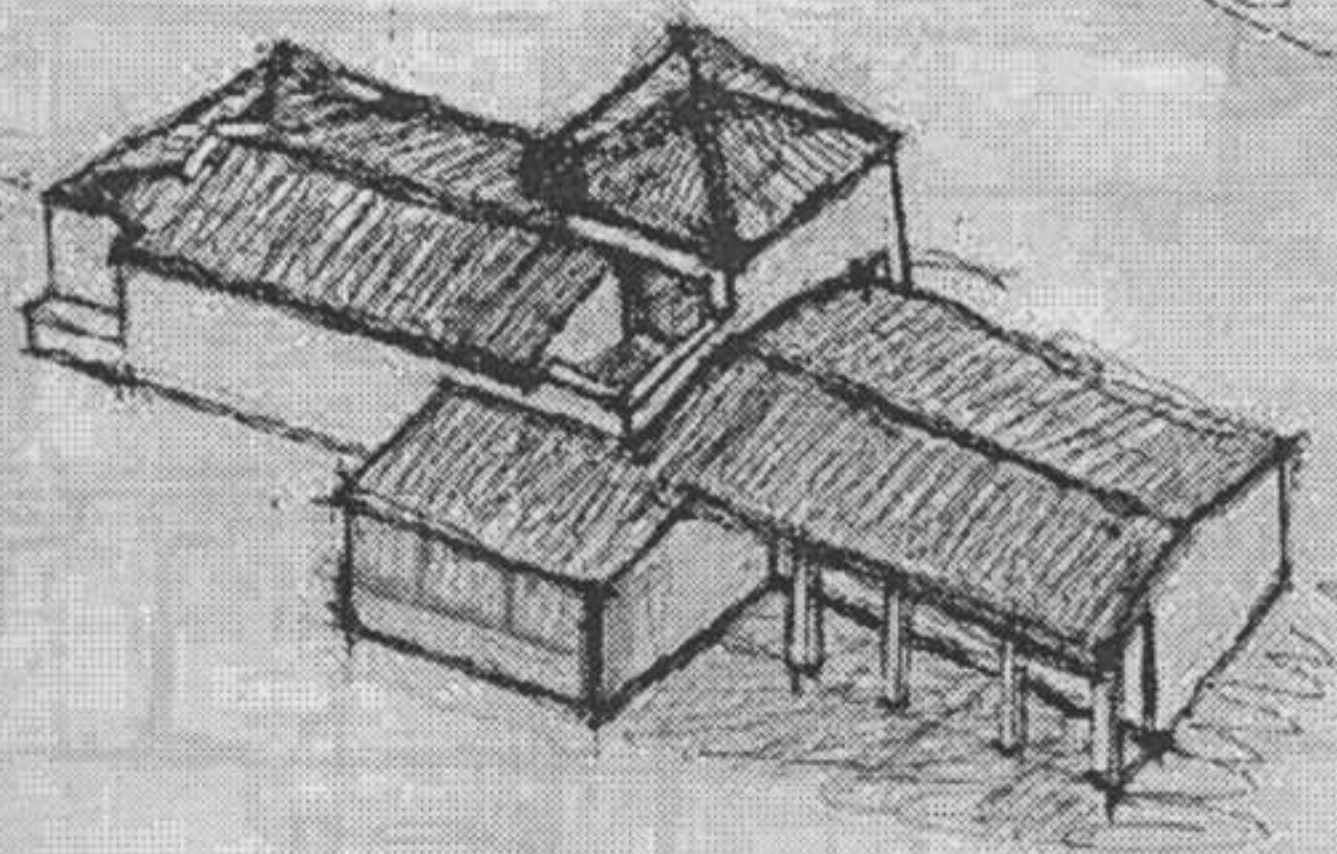
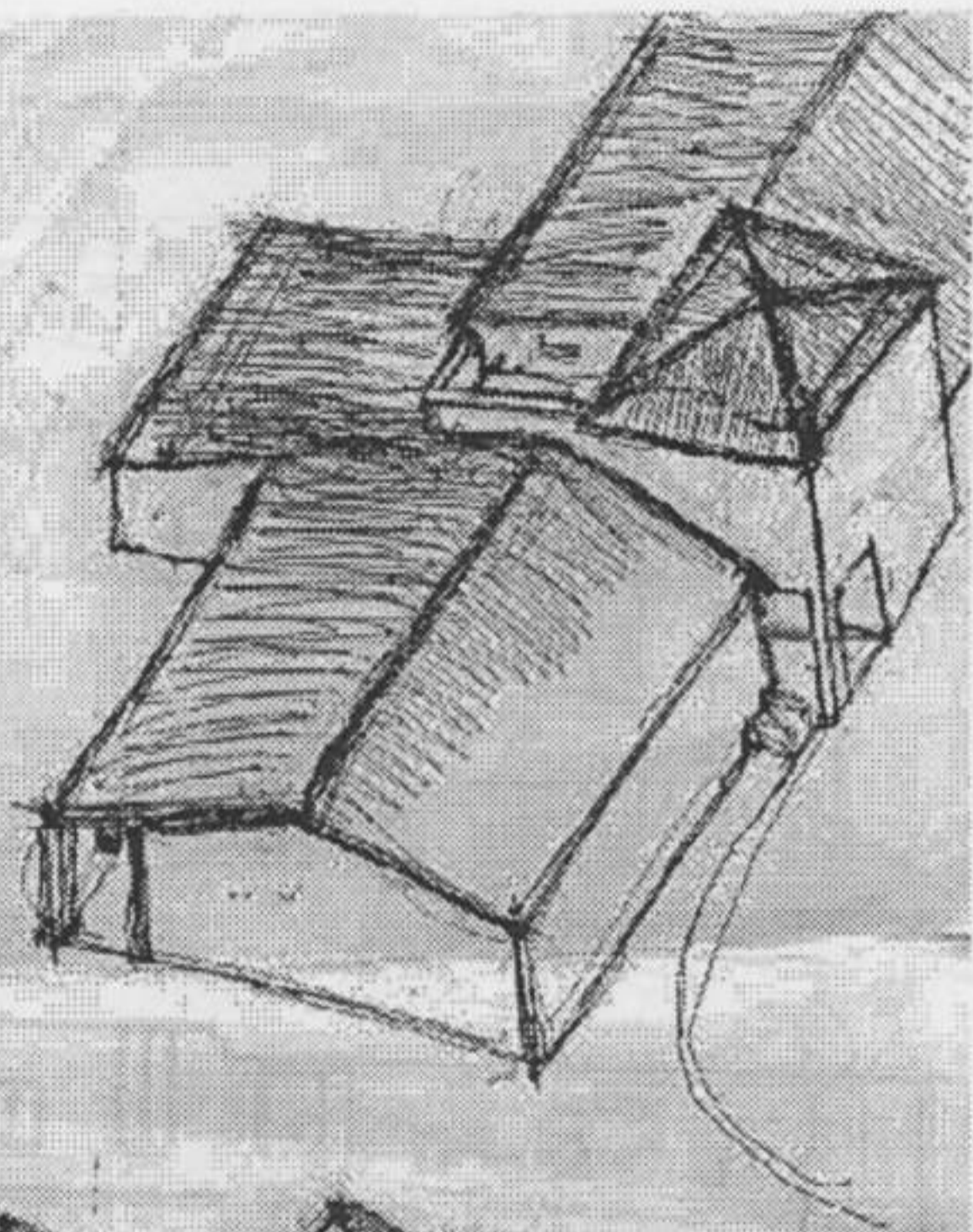
Pelo meio as dificuldades de quem não tinha experiência de trabalhar num atelier. Lento AutoCAD, maquetas e mais maquetas, conversas com o cliente para explicar o desenvolvimento do projecto, refazer desenhos, problemas com a plotter, fotos da casa da cascata para pensar a sala de jantar...

Perceber, através do que me rodeava, que para fazer arquitectura é preciso fazer muita coisa que não é arquitectura.

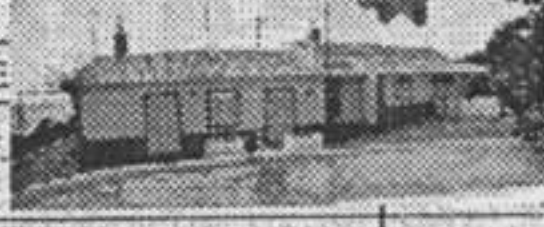
Perceber, também, a necessidade de " uma superior observação; a observação do que existe construído, do total experimentado, das diversas composições humanas; a observação e a compreensão, a capacidade de análise para a superior combinação posterior dos espaços percebidos e entendidos nos seus múltiplos sentidos, cruzamentos, acasos."<sup>1</sup>; para apreender a realidade é preciso estar atento, olhar de cima e de baixo, esquerda, direita para conseguir estar em todo o lado ao mesmo tempo.

---

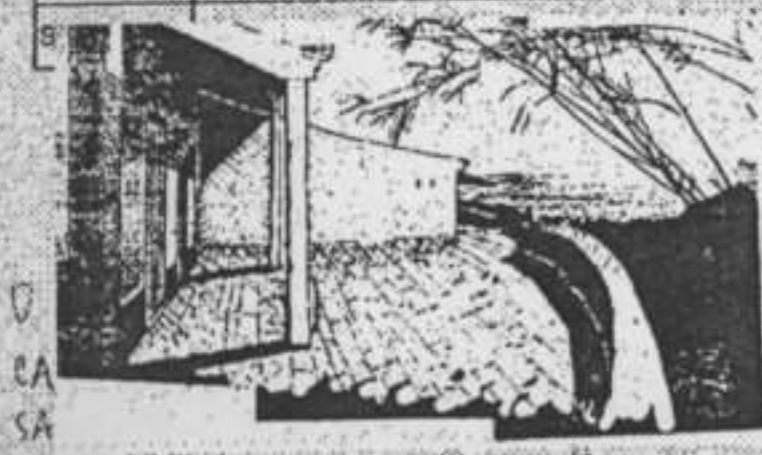
<sup>1</sup> ponto 65 de "70 pontos sobre a agradabilidade do viver interior", Manuel Graça Dias, Architéti 33 – 19 Interiores, Mai/Jun/Jul 96



TO: OPEN FILM / JOANA VICE  
 FROM: JORGE E NUNO  
 ATT:

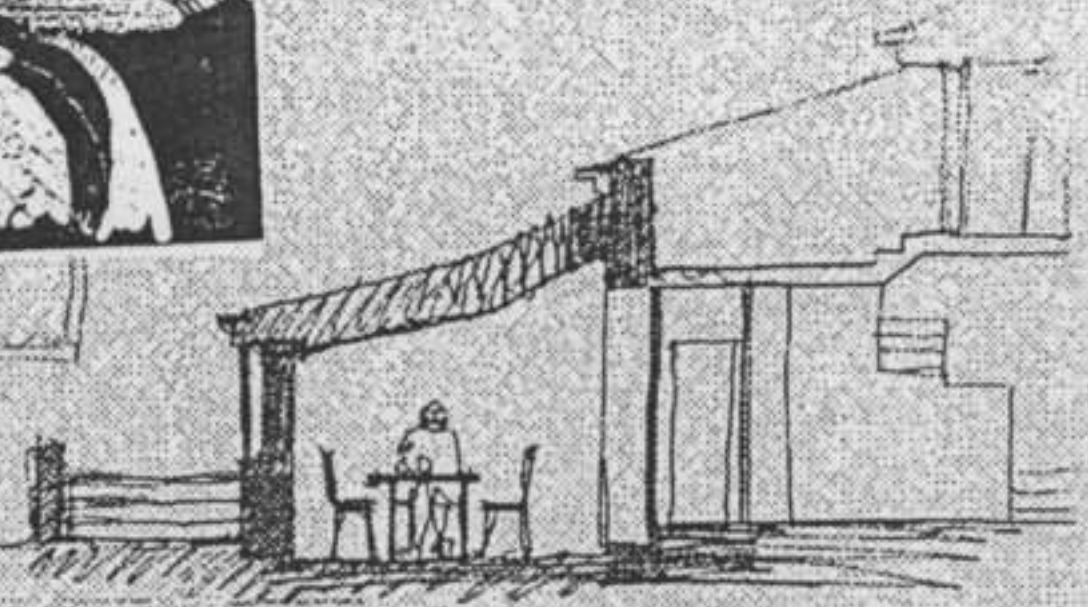


9/98  
 01/98  
 PAGES: 1 + 3  
 LHO



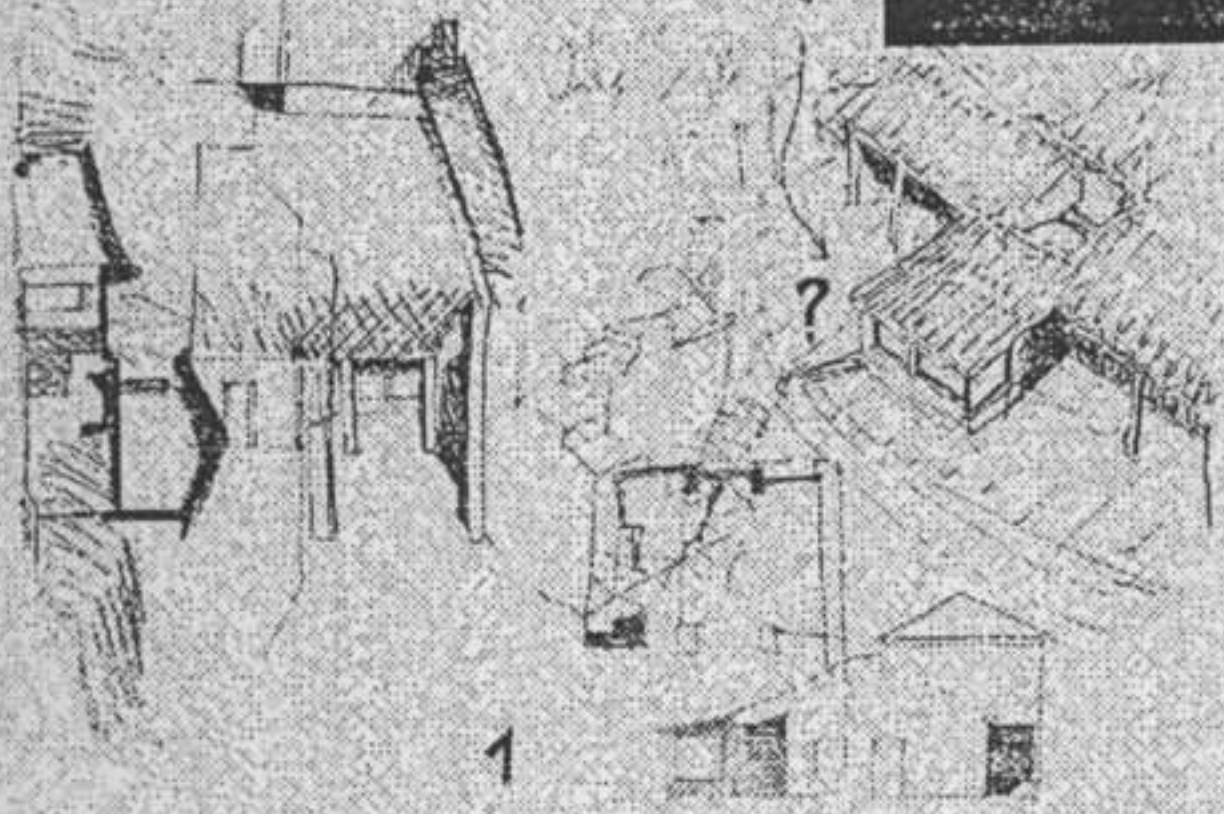
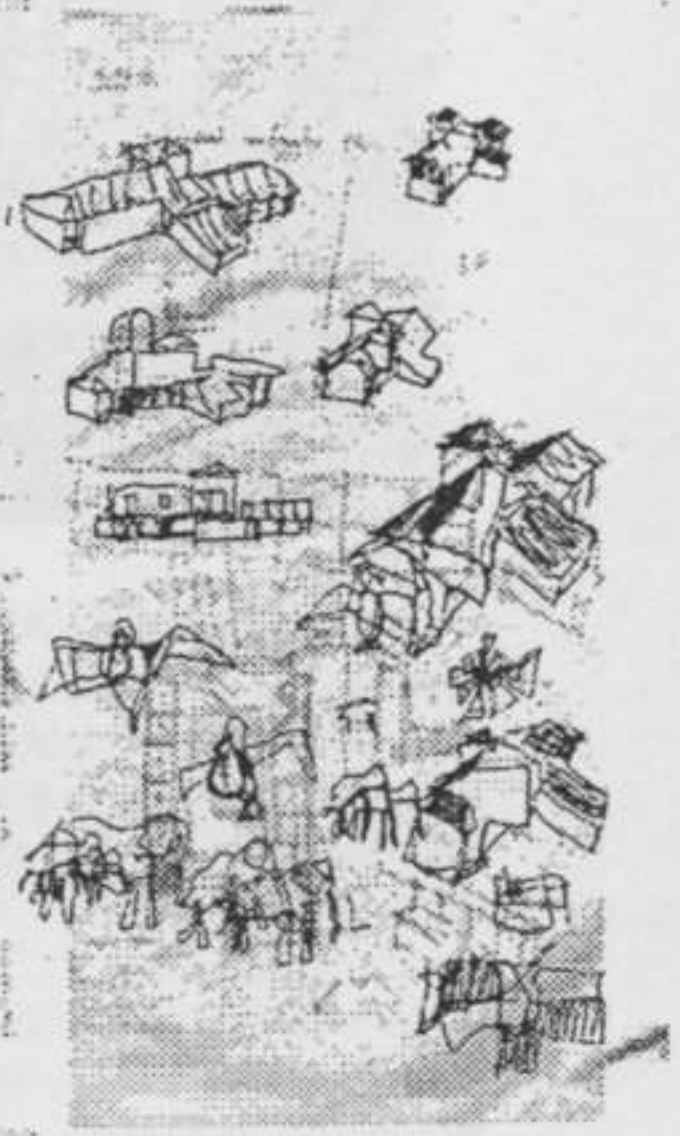
CA  
SA

O vidro que começa à altura do tampo da mesa de jantar para dar origem ao tecto e cuja moldura tem espaço para sentar no exterior (ou no interior?) e ser sombra.



EXTERIOR  
(DESENHO)  
CASA

É preciso encontrar o encontro dos vidros que faz a pilar (como em?)

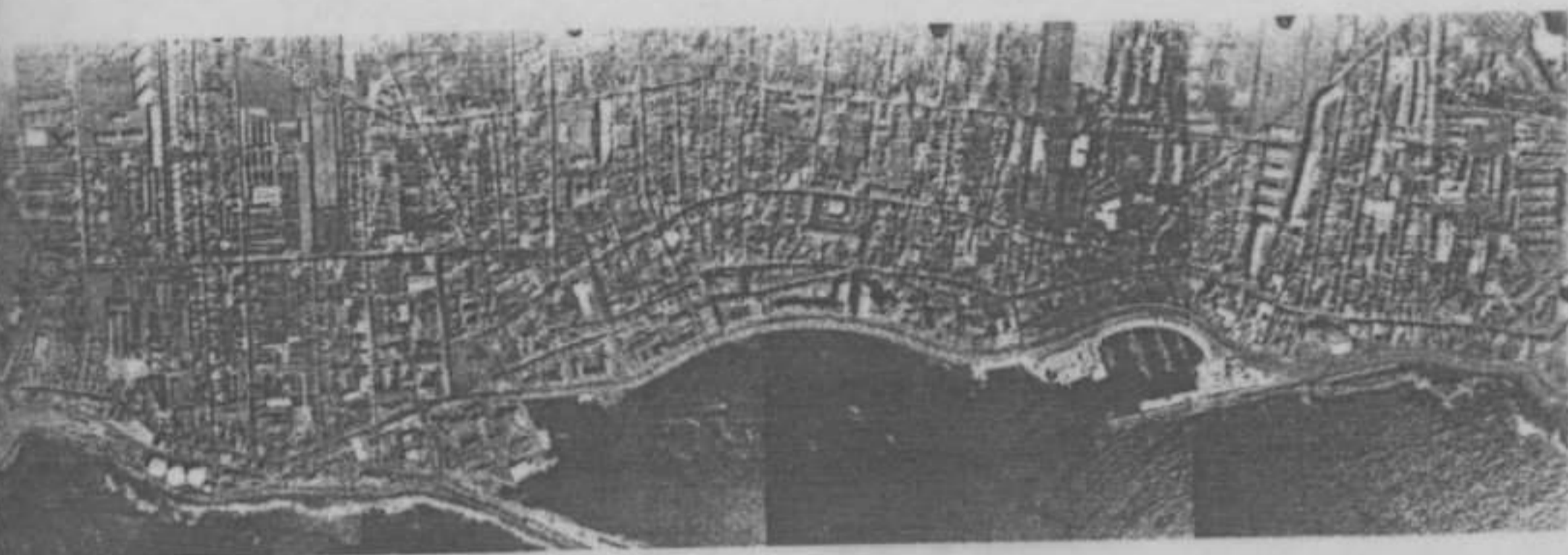


que envolve o vidro na sombra e deixa as pilares no exterior (??)



Depois o problema da altura do tecto... (text is partially obscured)





**Avenida Marginal de Ponta Delgada, Açores**  
plano de pormenor – antepiano

Arq. Manuel Vicente (coordenação e direcção do projecto)

Arq. José Manuel Fernandes (consultadoria arquitectónica/histórica)

Arq. João Gomes da Silva (paisagismo)

Arq. José Ramos

Nuno Jacinto (estag.)

Eng. Girão de Oliveira (sistema viário)

Eng. Luis Peixeiro (obras marítimas)

José Lima (informática)

**Março a Julho de 98**





"(...) proyectar no es exclusivo del quehacer arquitectónico sino que se extiende a todo lo que implique ejecución en el tiempo, a cualquier operación que actúe según una dirección previamente determinada y, en el caso de la actividad artística, se autoconstituya como significado."

Vittorio Gregotti, «El territorio de la Arquitectura».

O desejo de existirem umas colunas em forma de estrela que terminem douradas com açores a voarem por cima, apontando para cada uma das ilhas, prontas a receberem os viajantes dos cruzeiros ou última imagem para quem nunca mais voltar.

No atelier existe um corredor que, se quisermos, é infinito. Tangente ao tecto, mais baixo que o das salas que vai revelando, existe um papel onde está escrito:

"A criação de um objecto artístico é um processo de risco em que o criador se investe por completo na coisa criada, desprezando o bom senso e perseguindo um objectivo nebuloso, como se isso fosse a única coisa na vida."

No meio dessa neblina falou-se do que é monumental, como não é monumental Nova Deli – nunca lá estive – ou o pavilhão de Brighton. Relatos que se transformavam em descobertas de arquitectos que lidaram com as coisas no tempo de forma particular (Edwin Lutyens, John Nash). Assim mas sem ser assim. Desejar o que não se sabe e encontrar meios para o conseguir. Depois descobre-se o esforço necessário para que tudo isso não se torne marginal.



Tendo como pretexto o ordenamento do porto de Ponta Delgada, dotando-o de novas estruturas que melhor servissem as suas necessidades e a cidade, o grande propósito do plano é construir uma nova relação cidade-mar. Equacionar o limite continuo entre duas coisas, por isso marginal em relação a uma delas, como linha de ancoragem de possíveis centralidades.

A complexidade da cidade exigia o encontro de pessoas com diferentes sensibilidades na abordagem de problemas: do sistema viário ao paisagismo, da arquitectura às obras marítimas, da história à coordenação de estudos. A calendarização determinou que numa primeira fase se tratasse da asfixia. Dossiers, livros, slides, fotografias, tudo o que tivesse a ver com Ponta Delgada se empilhava à nossa volta. Reconhecer a cidade no tempo, em busca de um entendimento tão aprofundado quanto possível.

Seguiram-se reuniões de trabalho onde toda essa informação funcionava mais como um ponto de encontro do que um ponto de partida. Isto é, o processo de reconhecimento foi um ajuste com a realidade que nos permitia, pouco a pouco, desfazer a neblina.

Às palavras que se iam trocando começaram a corresponder riscos sobre plantas da cidade e pequenos apontamentos, para entrarem no computador e saírem da plotter com o rigor imposto; voltar à mesa dos encontros de trabalho e repetir o mesmo ciclo.

Destas conspirações resultaram:

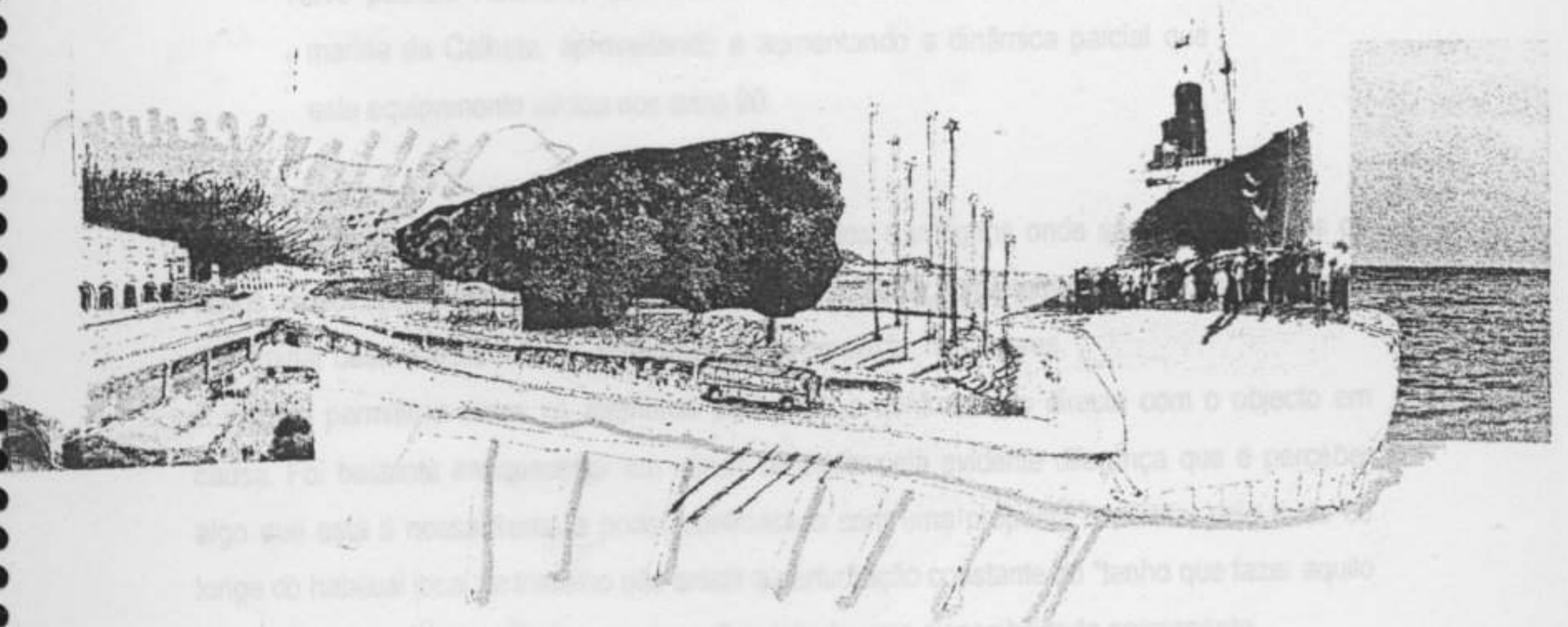
#### **Premissas**

- constatação da vocação marítima de Ponta Delgada, como "característica urbe portuguesa insular do Norte Atlântico (na geografia) e de génese Medieval-Renascentista (na história)".
- Aterro da marginal, da década de 1950, como empobrecimento da relação cidade-mar, criando uma nova escala urbana, " numa frente viária que assume essa dimensão apenas potencialmente, e é explorável hoje, se houver opção pela fragmentação ou "corte" da barreira que a marginal representa".

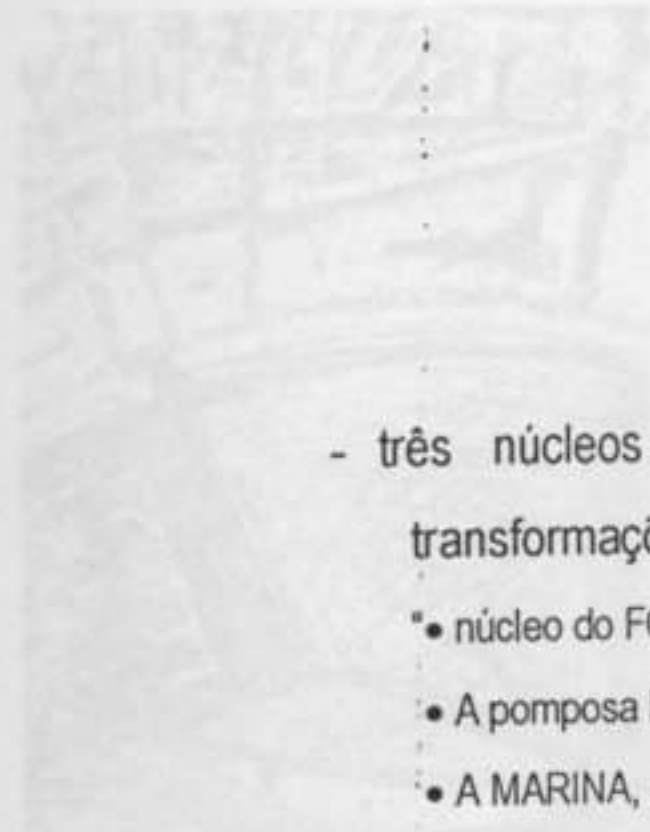
- três núcleos que perduram na imagem da cidade, tendo sofrido transformações na sua forma e função:
  - núcleo do FORTI, TERCEIRO DO HOSPITAL e "SACO" DO PORTO;
  - A praça PRACA NOVA (Queluz Verde), em plano sobre o cais;
  - A MARINA, resultado do atual prolongamento da marginal (rua 807)

Propostas

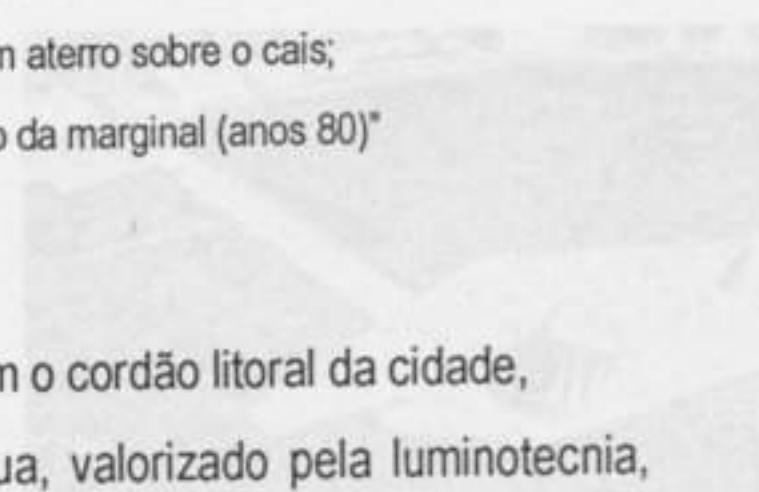
- Revitalizar os três núcleos que estruturam o eixo litoral da cidade.
- Sítio do Forte, com novo espelho de água, valorizado pela limnologia, abrigando novos equipamentos de marinha e da pesca, mas também de carácter lúdico (parque de exposições).
- As novas "Portas do Mar", agora numa assunida escala moderna, grandiosa em relação ao acostamento dos barcos inter-ilhas, ou dos paquetes de cruzeiro.
- Novo passeio Atlântico, que articule os referidos pontos litorais com a marina da Calheta, aproveitando e aumentando a dinâmica parcial e total existentes através dos anos 80.



com o objecto em  
 ca que é percibido  
 tenho que fazer aquilo  
 a mais alto, estar não só a ver a que fazer, estando uma disponibilidade permanente

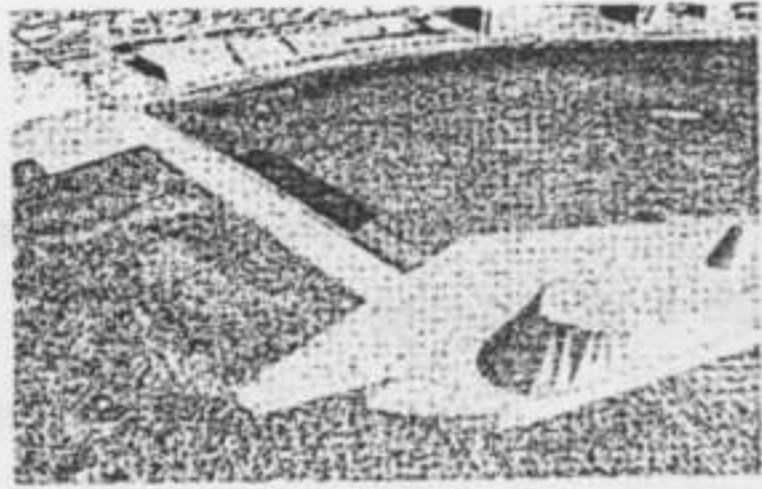
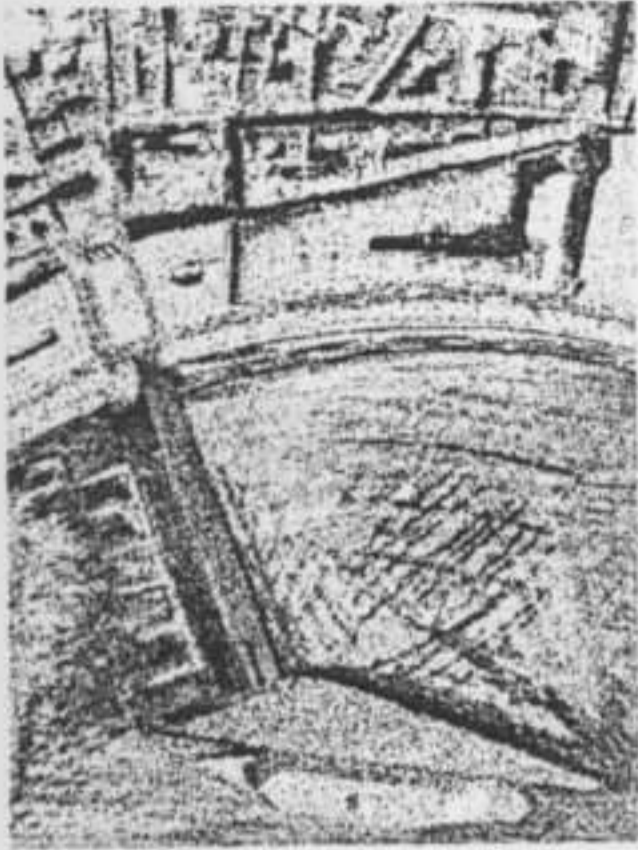
- 
- três núcleos que perduram na imagem da cidade, tendo sofrido transformações na sua forma e função:
    - núcleo do FORTE, TERREIRO DO HOSPITAL e "SACO" DO PORTO;
    - A pomposa PRAÇA NOVA (Gonçalo Velho), em aterro sobre o cais;
    - A MARINA, resultante do último prolongamento da marginal (anos 80)

#### Propostas

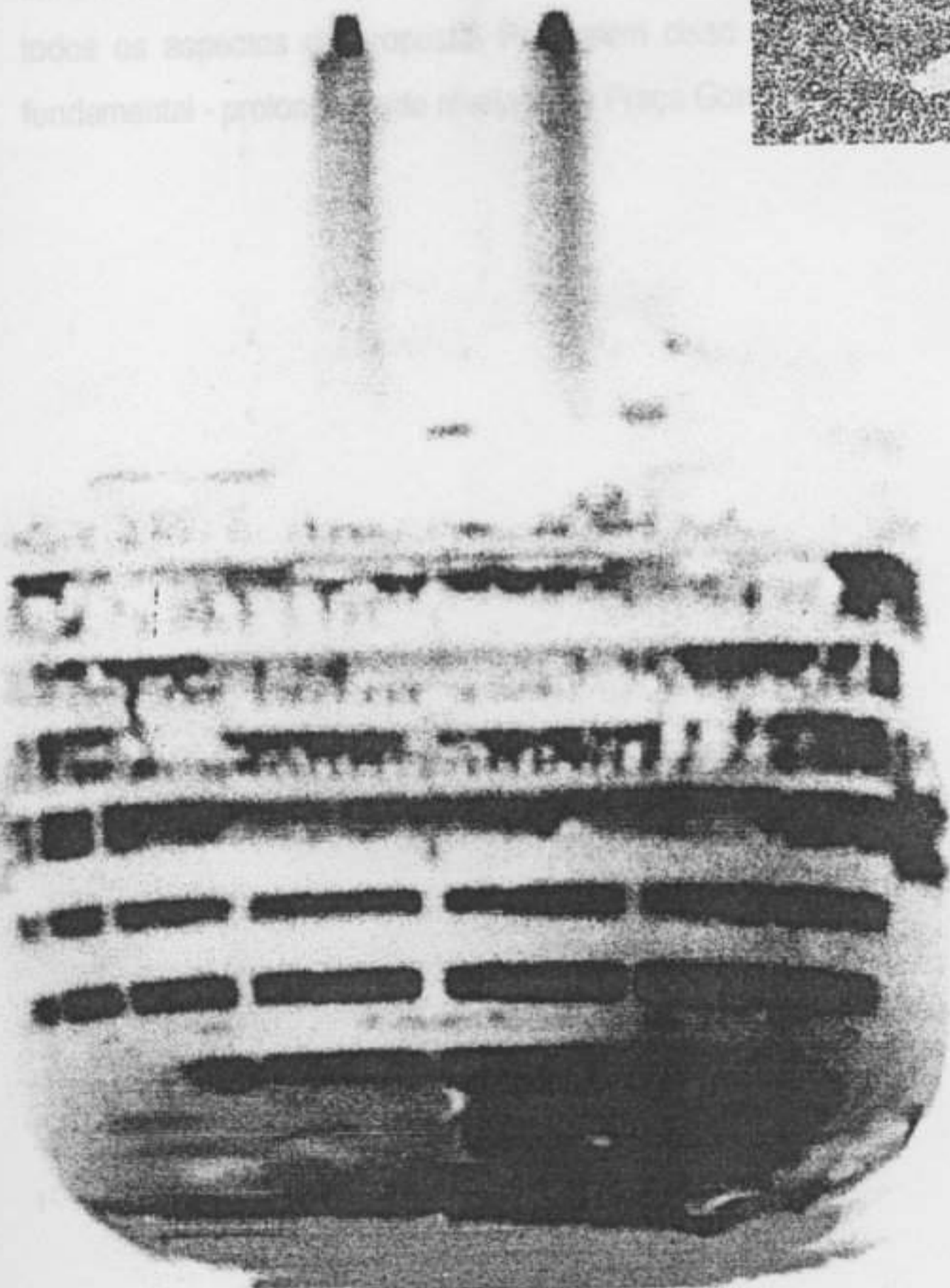
- 
- Revitalizar os três núcleos que estruturam o cordão litoral da cidade,
- Sítio do Forte, com novo espelho de água, valorizado pela luminotecnia, abrigando novos equipamentos da marinha e da pesca, mas também de carácter lúdico (pavilhão de exposições).
  - As novas "Portas do Mar", agora numa assumida escala moderna, grandiosa proa dirigida ao acolhimento dos barcos inter-ilhas, ou dos paquetes de cruzeiro.
  - Novo passeio Atlântico, que articula os referidos pontos litorais com a marina da Calheta, aproveitando e aumentando a dinâmica parcial que este equipamento iniciou nos anos 90.

A preparação do livro da proposta, dividido em textos e imagens onde são desenvolvidos os vários aspectos da proposta, exigiu um esforço de coordenação de todas as pessoas envolvidas. O culminar deste processo foi a apresentação da proposta, nos Açores.

A viagem permitiu a todos os membros da equipa a confrontação directa com o objecto em causa. Foi bastante enriquecedor em vários sentidos: pela evidente diferença que é perceber algo que está à nossa frente e poder confrontá-lo com uma proposta concreta; pelo facto de longe do habitual local de trabalho não existir a perturbação constante do "tenho que fazer aquilo e mais isto, estar não sei onde a que horas", existindo uma disponibilidade permanente.

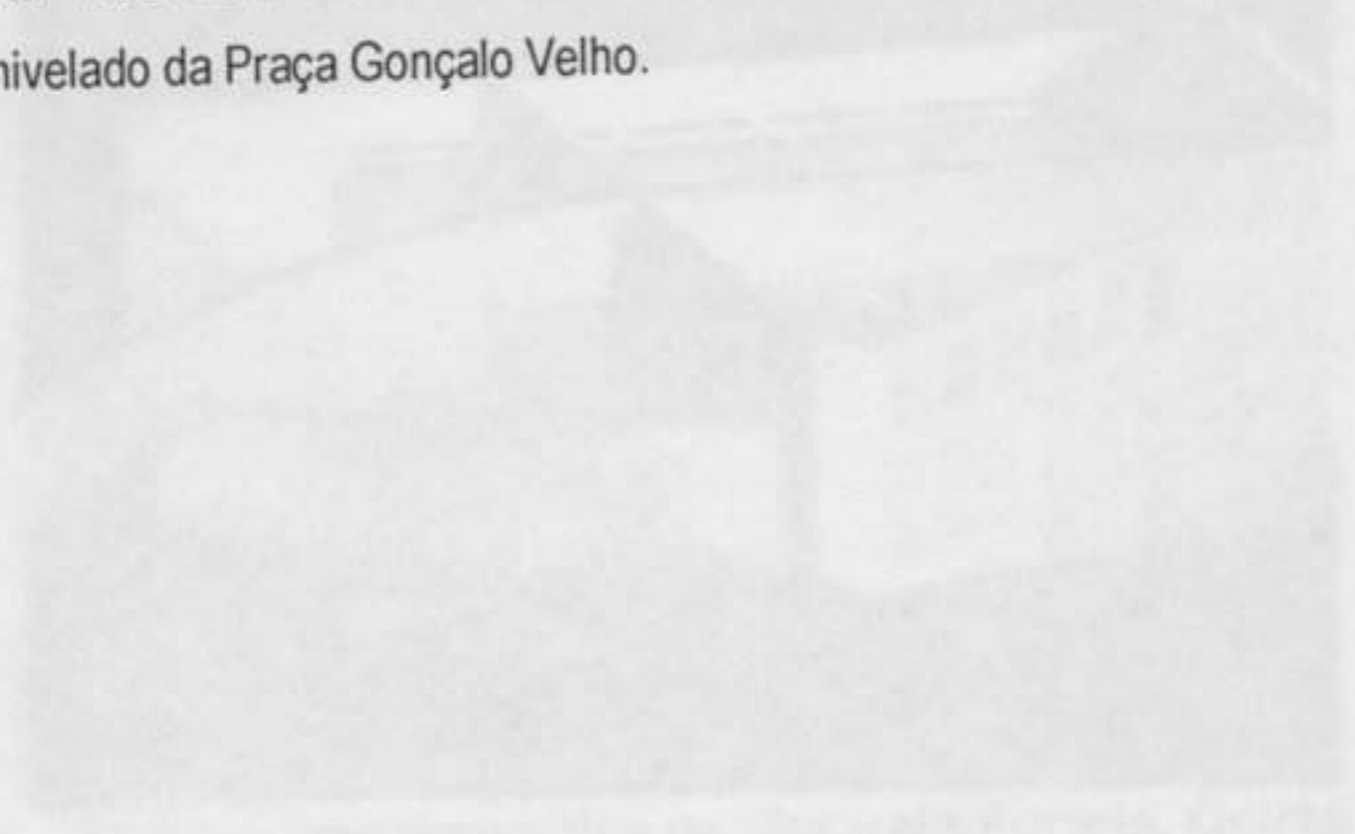


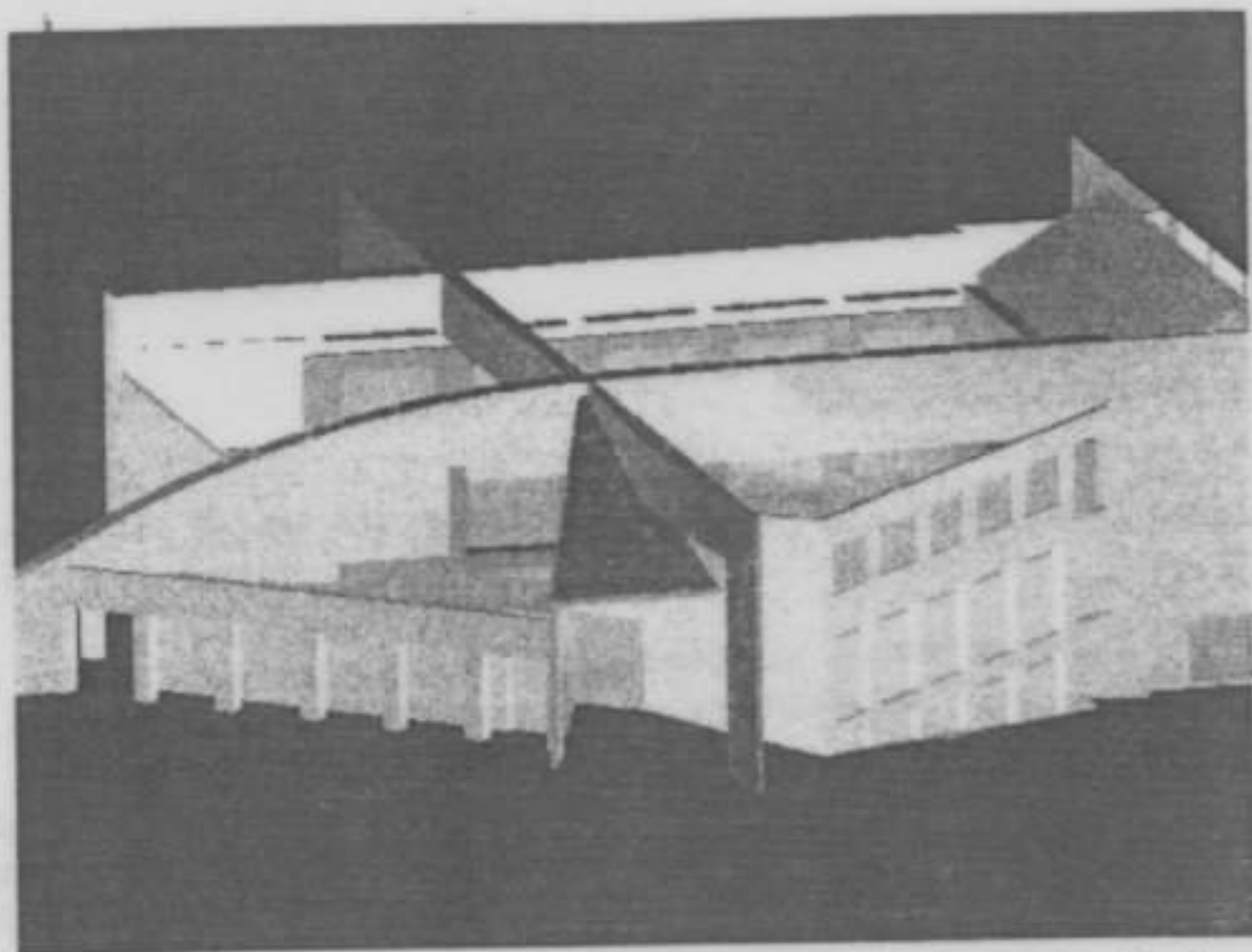
...an relatório a proposta foi confirmada mais tarde.  
...posante direcionou-se no sentido de esclarecer e reajustar aspectos  
...lado dessa viagem. Pela escala da proposta e pelo seu impacto na  
...os grandes gerentes que  
...o programa de realidade  
...nários estado e que em 1974, em, através de  
...lida os aspectos da realidade  
...fundamental - projeto de realidade - Praça Co



A aparente receptividade em relação à proposta foi confirmada mais tarde.

O seu desenvolvimento posterior direccionou-se no sentido de esclarecer e reajustar aspectos da proposta, como resultado directo da viagem. Pela escala da proposta e pelo seu impacto na imagem da cidade foram pedidos elementos que permitissem uma melhor visualização da mesma. Foi utilizado um programa de realidade virtual que nos permitiu "estar" onde não tínhamos estado e que em tempo real, através do movimento, permite constatar "virtualmente" todos os aspectos da proposta. Para além disso foi desenvolvida em particular a estrutura fundamental - prolongamento nivelado da Praça Gonçalo Velho.





**Piscina Polidesportiva na Outurela/Portela, Oeiras**

projecto de execução

Arq. Manuel Vicente

Arq. Inês Adelino

Arq. Jorge Marques

Arq. Rosa Lam

Arq. Filipe Coutinho

Arq. Alexandra Henriques

Nuno Jacinto (estag.)

**Abril de 98 a Junho de 98**



" - Era precisa mais uma pessoa para ajudar nas piscinas.  
- Sai uma bica!"

John Bark, Imaginação impossível

"Como definir um sítio assim, tão cercado de bocados de cidade que não se reconhecem, nem a si mesmos, nem uns aos outros?"

"Uma desordem é uma ordem por reconhecer (um hieróglifo, por decifrar) o programa pede-nos, que saibamos revelar o texto urbano desconexo, existente."

"Duas caixas de sapatos, cruzando-se segundo as direcções traçadas, o volume norte - sul prevalecendo sobre o noroeste - sudeste. Entendemos fixar, depois, um vocabulário conveniente à comunicação eficaz deste discurso.

Nesta procura, perseguimos, sobretudo, imagens citáveis, analogias identificáveis, releituras descodificantes da excepcionalidade, sempre oculta no banal:

- as coberturas, em casca de betão; os alinhamentos da praxe, trocados um pouco; o intradorso, virado mais à luz, trazendo-a para dentro,
- o betão, **mal-acabado**;
- o ocasional mosaico de grés, polido e baço;
- a cor, numa paleta tentativa, buscando a fonética mais do que a semântica."

"Descrevendo a nossa proposta mais aproximadamente: dos dois volumes entrecruzados, o mais alongado abriga a piscina e o tanque de aprendizagem; o outro, mais curto e mais longo, acomoda tudo o resto com a ajuda de um primeiro andar parcial."

da memória descritiva



Para lá de dar uma resposta a um programa, o projecto das piscinas procura um lugar. Como uma igreja em Assisi - nunca sei o nome – que reclama o espaço circundante através de uns enormes contrafortes que permitem passar por baixo de.

### **Fazer**

No projecto de execução da piscina a equipa dividia-se entre o desenvolvimento do projecto geral e a pormenorização, num processo de interacção entre as duas escalas de trabalho.

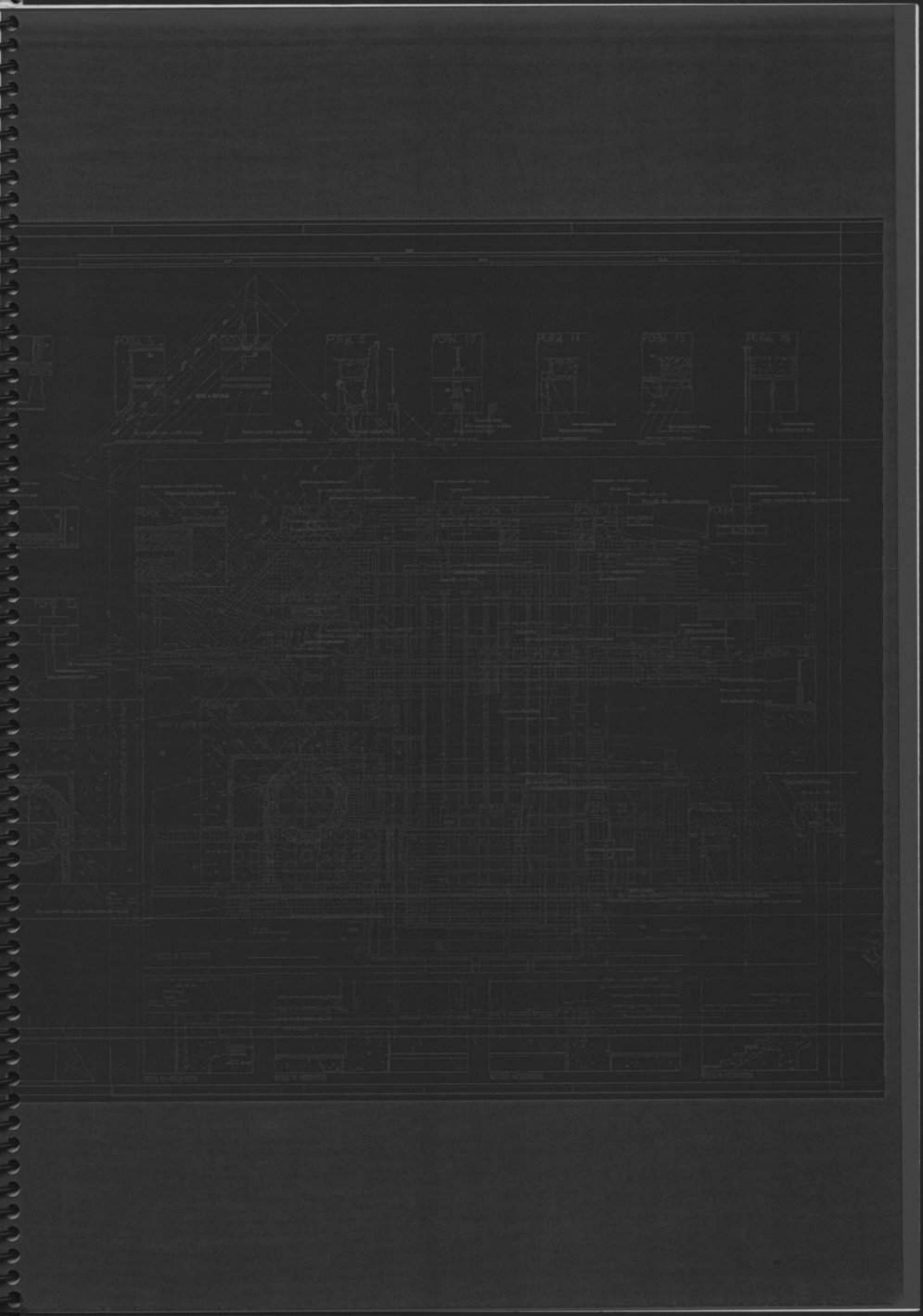
A enunciação de todos os elementos físicos que, finalmente, constituem o edificio que se pretende construído, é o resultado de um processo de avanços e recuos. Trata-se de gerir uma complexa teia de informação, tendo como objectivo a sua convergência nos principios geradores do objecto em questão.

Claro que o circuito não é fechado nem funciona num único sentido: todos os factores se informam e condicionam uns aos outros.

### **Coberturas e demais**

A minha intervenção directa focou-se na pormenorização de coberturas e pavimentos.

Os elementos já existentes no atelier foram a base para a pesquisa inicial. O estudo das hipóteses em questão ou a sua adaptação a novas formas de fazer eram discutidas em conjunto, procurando corresponder às intenções de projecto.



Invariavelmente seguiam-se telefonemas e faxes para os fornecedores/ fabricantes a confirmar hipóteses; reuniões para apresentação de materiais ou apoio técnico.

A cobertura da "segunda caixa de sapatos" (entrada, balneários, monitores, bar e administração) foi objecto de particular atenção. Sobre a dificuldade em alcançar o efeito pretendido, com um determinado material (chapa metálica autoportante – "blocotelha"):

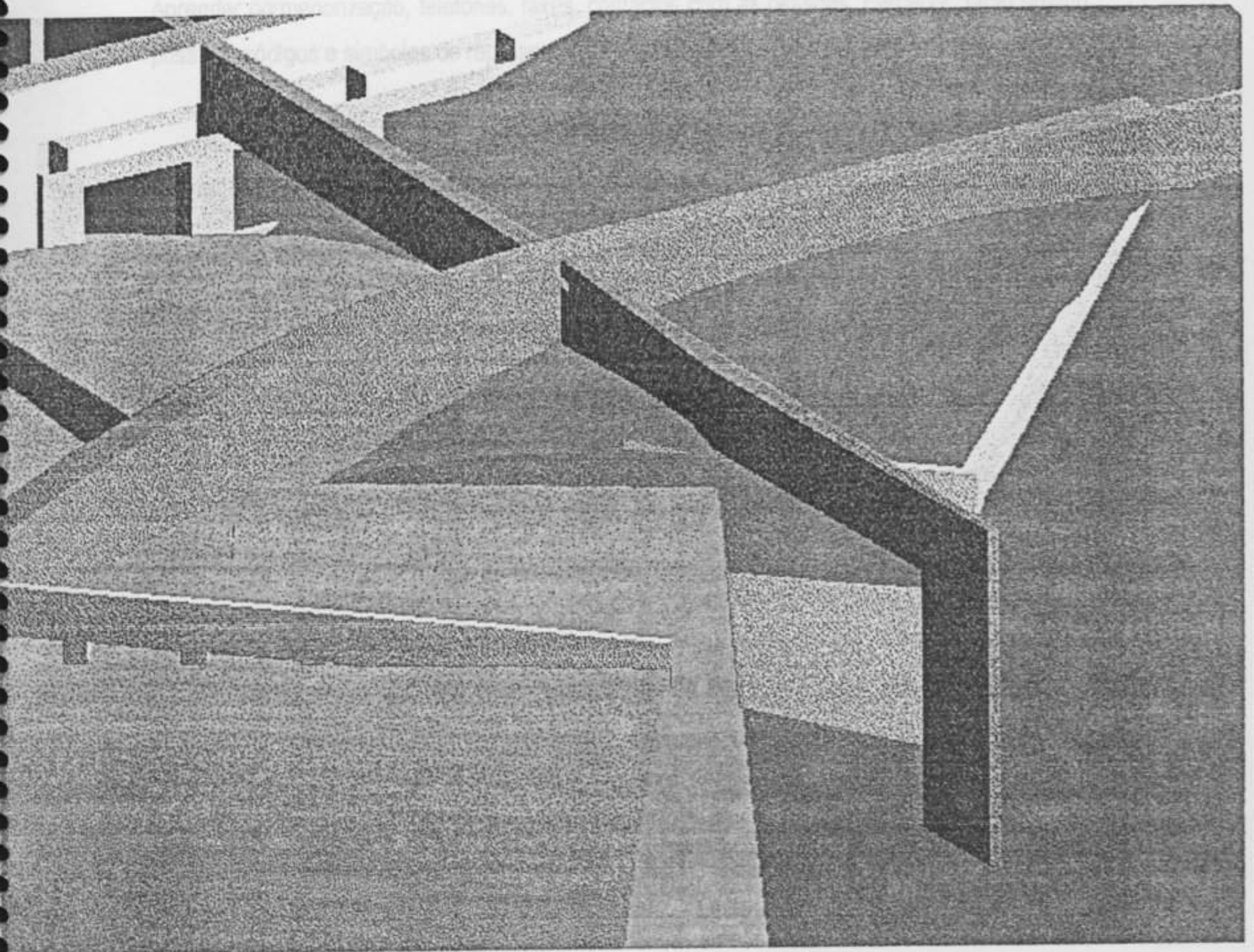
- um volume violentado por uma enorme quilha (entrada) transformava-se em dois;
- estes dois volumes têm uma diferença de um piso: para um lado balneário masculino e monitores, para o outro o balneário feminino que, num primeiro piso, dava acesso à passerelle (atravessando o volume principal entre as duas piscinas), ao bar e à administração;
- era um dado inabalável que a leitura deste conjunto tinha esse carácter narrativo do corte inicial, sendo fundamental o controlo de toda esta situação;
- este tipo de material é normalmente utilizado em situações em que se pretende cobrir um grande vão com custos mínimos;

Com a ajuda de um modelo tridimensional desenvolvido em computador, experimentaram-se várias hipóteses. Consistiam em inclinar um cilindro de raio igual ao de fabricação das blocotelhas, considerando as várias limitações técnicas (vão máximo, inclinação máxima, possibilidades de apoio das blocotelhas na estrutura existente). Após várias tentativas falhadas, utilizaram-se dois cilindros, cujas directrizes se encontram em ângulo recto, que num ponto particular da sua tangência resolvem o problema de encaixe na estrutura existente, criando, ao mesmo tempo, a ilusão de ser o mesmo cilindro.

Todo este tipo de situações é vivido no dia a dia do atelier. Resolver problemas. Pensar a maneira mais eficaz de o fazer. Partilhar um espaço de criação, onde as pessoas coexistem com as angústias e as satisfações próprias do fazer, refazer, voltar a fazer...

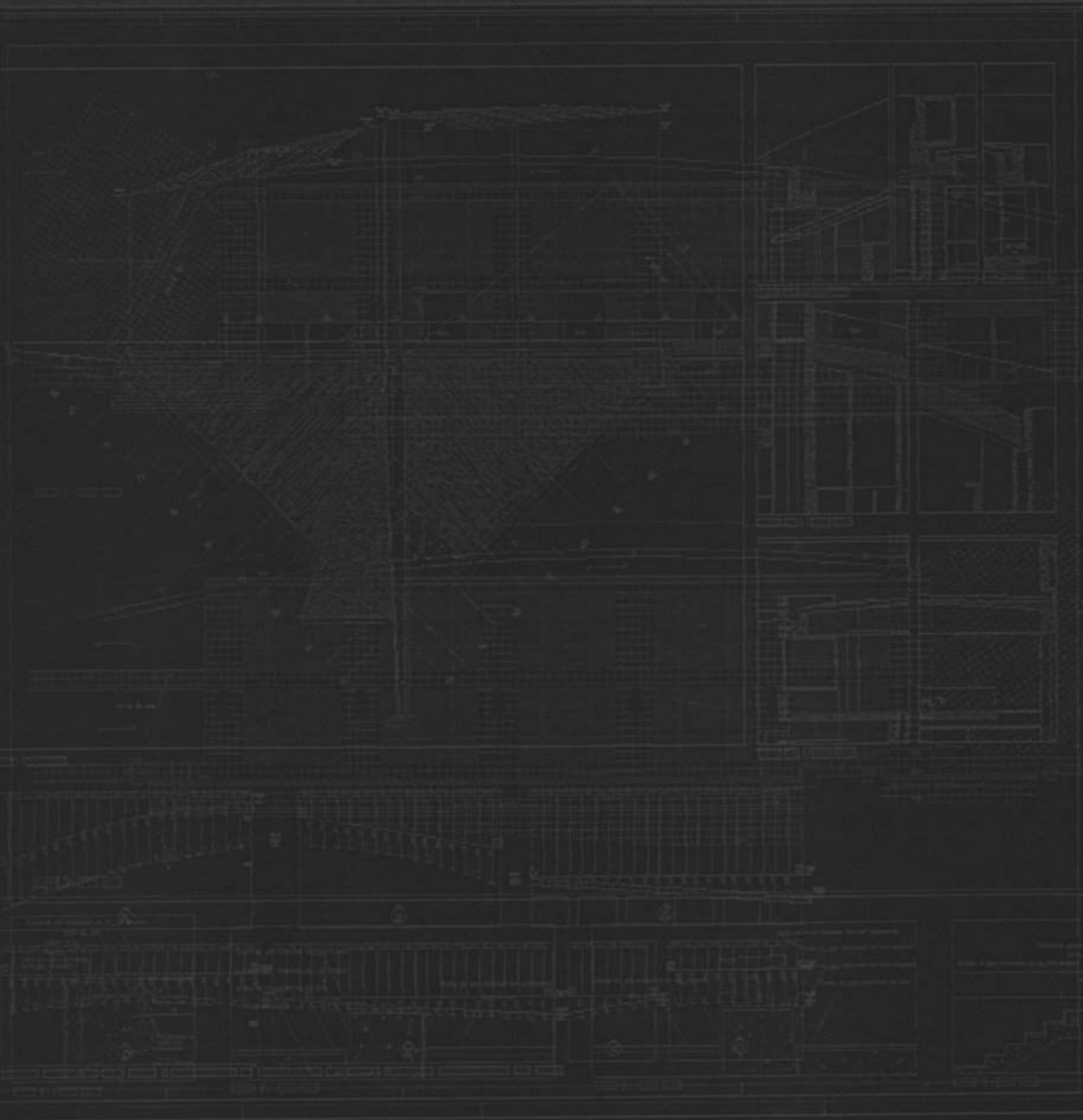
Foi o trabalho em que a inexperiência se tornou mais angustiante. Foi, também, por estas e outras razões, o mais importante.

Aprender mapas de vias, de portas, de acabamentos, de laços, de pavimentos, mobiliário, iluminação, sinalização, telefones, fax, e muitas outras coisas. Tudo isso em um tempo muito curto.



Foi o trabalho em que a inexperiência se tornou mais angustiante. Foi, também, por estas e outras razões, o mais importante.

Aprender mapas de vãos, de portas, de acabamentos, de tectos, de pavimentos, mobiliário. Aprender pormenorização, telefones, faxes, contactos com as pessoas. Perceber, tanto quanto possível, códigos e símbolos de representação - arquitectura e não só.





*É preciso acreditar em causas e não abrir mão delas.*

## **Conclusão**

*Costuma, "por fim mas não no fim", de agradecer ao seu Manuel Vazão por me ter permitido*

Nos últimos oito meses o tempo sofreu uma aceleração. Foram mais oito meses do que outros. Não deixaram de ser oito meses.

Como a viagem de Hans Castorp até ao Sanatório Internacional "Berghof", depois de noites com Nafta e Settembrini tudo muda.

O meu envolvimento com a produção do atelier foi feito de forma gradual e acompanhada, no sentido de um acrescido grau de responsabilidade e interdependência. Fiz maquetes, cortes, plantas, alçados, pormenorização, contactos com clientes, com representantes de materiais, desenhos para publicação, preparação de uma conferência, mapas de acabamentos, projecto para entregar numa câmara, livro para apresentação de antepiano, painéis, modelos de realidade virtual, participando em múltiplos modos de produção envolvidos com a elaboração dos projectos e com a sua comunicação ao exterior. Deste tempo contei três projectos desenvolvidos no atelier que, pelas suas diferenças, permitiram experiências muito variadas. A diversidade de situações – do encaixe de uma blocotelha à cidade – obrigou a um reajuste constante na forma de trabalhar, de pensar, de fazer.

Operamos, invariavelmente, de acordo com aquilo que somos e sabemos; a pluralidade de situações enriquece a capacidade de avaliar o que se encontra à nossa volta. Funciona como a libertação de ideias preconcebidas. Ensina, sobretudo, a atenção constante. Para descobrir que numa sala de jantar e num cais para cruzeiros existem os segredos da cobertura de uma piscina.

Depois, a produção de arquitectura, por comparação com outras artes, envolve toda a sociedade de uma forma directa. Constatar que se dedica muito tempo a fazer coisas para depois poder fazer arquitectura.

É preciso acreditar em coisas e não abrir mão delas.

Gostaria, "por fim mas não no fim", de agradecer ao arq. Manuel Vicente por me ter permitido não dormir para sonhar acordado, bem como a todas as pessoas que fazem o ATAT- Atelier de Arquitectura.



ESTÁGIO de Nuno Filipe de Almeida Teófilo Jacinto

RELACÃO DOS TRABALHOS EFECTUADOS - APRECIACÃO CRÍTICA  
**Bibliografia**

AUSTER, Paul – The invention of solitude, New York, Penguin Books, 1988, 173 p

BARK, John – Imaginação impossível, Porto, Edições Salamandra, 1923, 248 p

GRAÇA DIAS, Manuel - 70 pontos sobre a agradabilidade do viver interior, "Architèti"  
33 – 19 Interiores, Lisboa, , Mai/Jun/Jul 96, p 26-31

GREGOTTI, Vittorio – El territorio de la arquitectura, Barcelona, Editorial Gustavo Gili,  
1972, 209 p

MANN, Thomas – Montanha mágica, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s.d., 749 p

PAZ, Octavio – Sombras de obras – Arte y literatura, 1ª edição Barcelona, Seix Barral,  
1996, 322 p

RUSELL, Bertrand – Storia della filosofia occidentale, 1ª edição Milano, 1991, 816 p

TANIZAKI, Junichiro – El elogio de la sombra, 6ª edição Madrid, Ediciones Siruela,  
1997, 95 p

Demonstrou excelente espírito de equipa, mantendo sempre muito agradáveis relações pessoais, reflectindo a disponibilidade com que abordou o conjunto do estágio.

Pessoa empenhada, demonstrou sempre interesse e curiosidade pela realidade do Atelier.

Manifestou bom nível intelectual e facilidade de interpretação e execução de tudo o que lhe foi pedido.

Em tudo, é clara a sua evolução profissional e pessoal.

Macau, 4 de Setembro de 1998

*MANUEL VICENTE*

Manuel Vicente  
Arquiteto  
M. Arch

FACULDADE DE ARQUITECTURA  
05999  
(Centro de Documentação)



## ESTÁGIO de Nuno Filipe de Almeida Teodósio Jacinto

### RELAÇÃO DOS TRABALHOS EFECTUADOS - APRECIACÃO CRÍTICA

#### 1. Relação dos trabalhos efectuados.

O Nuno participou, no decorrer do seu estágio, nos seguintes trabalhos do Atelier:

- Renovação de uma habitação em João de Arens, Portimão;
- Plano de Pormenor da Avenida Marginal de Ponta Delgada, Açores;
- Projecto de Execução de Piscina e Polidesportivo, Portela - Outurela, em Oeiras;
- Concurso para escolas da UTL, no Tagus Park, em Oeiras;
- Concurso para Sala de Espectáculos na Cidade da Guarda;

#### 2. Apreciação crítica.

Foi muito boa a sua adaptação à intensidade da vida e ritmo próprios deste Atelier, tendo assimilado rapidamente os seus aspectos operacionais mais importantes, incluindo a aprendizagem do AUTOCAD 14, o software aqui utilizado.

Demonstrou excelente espírito de equipa, mantendo sempre muito agradáveis relações pessoais, reflectindo a disponibilidade com que abordou o conjunto do estágio.

Pessoa empenhada, demonstrou sempre interesse e curiosidade, pela realidade do Atelier.

Manifestou bom nível intelectual e facilidade de interpretação e execução de tudo o que lhe foi pedido.

Em tudo, é clara a sua evolução profissional e pessoal.

Macau, 4 de Setembro de 1998

Manuel Vicente  
Arquitecto  
M. Arch.

